

“Meu Deus, mas eu não mereço tudo isso”

— Deus é bom. Sem Deus a gente não é nada.

Várias vezes, Tancredo Neves repetiu essa frase durante os 27 dias em que esteve internado no Instituto do Coração. Mantinha uma dignidade incomum no sofrimento, como se essa fosse mais uma etapa de sua vida. Uma vida que não podia parar. Porque Tancredo, todos sabem, tinha uma missão a cumprir: a de governar o Brasil.

Em pelo menos uma noite, porém, ele cedeu ao abatimento. Esqueceu-se do otimismo. Voltou-se para sua irmã Ester e o primo Aluísio Neves, médico, e do leito disse: “Meu Deus, mas eu não mereço tudo isso”. A dor e o isolamento, porém, não foram suficientes para reduzir sua fé. Ao contrário, ele a manteve até o final de sua vida.

Durante 27 dias, o padre Léo Pessini — um catariense de 29 anos que veio a São Paulo para acompanhar sua mãe num tratamento no Hospital das Clínicas e que encontrou aqui sua vocação religiosa — viveu ao lado da família Tancredo Neves tentando auxiliar o presidente a resistir, com ânimo, a todas as dificuldades que encontrou.

No seu convento, da Ordem dos Camilianos, na avenida Pompéia, ele aceitou falar de sua experiência ao lado do presidente da República durante dias e noites. Não parecia um homem acostumado com seu ofício, alguém que já acompanhou o sofrimento de centenas de pessoas em fase final de vida. Leocir, seu verdadeiro nome, estava emocionado. Tinha dificuldade em recordar tudo o que enfrentou.

No primeiro dia que chegou ao hospital, dona Risoleta teve um encontro com o capelão do HC. Queria saber onde havia missa para rezar pela vida de seu marido. Padre Léo mostrou uma pequena capela, mas lembrou que a missa poderia ser feita no quarto andar, onde descansam os pacientes submetidos a exames de cateterismo. A resposta veio rápida e seria repetida muitas vezes ao longo das semanas seguintes: “O que for melhor para o senhor. O que for melhor para vocês...”

Nos primeiros dias após o internamento e até a Páscoa foram mu-

tas as visitas de ministros e governadores. Nenhum deles teve acesso à Unidade de Terapia Intensiva onde estava Tancredo Neves. Ficavam num andar abaixo, o 4º. Só os médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, frei Beto, padre Léo e o pessoal da limpeza, além da segurança, tinham acesso ao terceiro andar.

Tudo foi feito para preservar o presidente da República. Quem quisesse circular no terceiro andar tinha de possuir um crachá amarelo da Presidência da República. E eram poucos os que o possuíam. Havia uma lista de duas páginas com cerca de 40 a 50 nomes que era constantemente consultada. Na porta do elevador havia dois seguranças de terno e gravata.

Mais adiante, um vestiário, para a troca de roupas e a colocação de sapatilhas até gorro. Dentro da UTI outro segurança conferia o nome das pessoas. Tancredo Neves ficou na sala em que Carlos Ferro, o paciente do coração transplantado, foi atendido. Uma divisória foi colocada para separar ainda mais o presidente de seus visitantes.

Padre Léo fez esse percurso muitas vezes. Ao chegar ao quarto de Tancredo Neves puxava a cortina e olhava pelo visor. Ele se recorda muito bem do primeiro encontro. Dona Risoleta fez as apresentações e o capelão disse: “Dr. Tancredo, estou aqui para caminhar com o senhor e o servir”. Não foi fácil. O presidente já tinha enfrentado a terceira cirurgia. Mas falava sem dificuldade.

Outras vezes, fazia sinais com a cabeça, quando estava com o tubo orotraqueal. “Não se preocupe”, repetia padre Léo, “sei que a situação é dolorida.” Foi providenciado um Cristo de madeira para ser pendurado numa das paredes da UTI. E Tancredo gostou da idéia. Levantou a mão direita, acenando para o religioso. Daí em diante, olhava muito para a figura do Cristo.

Sempre que havia uma brecha, o capelão ia ao quarto do presidente. Sempre que os médicos não estavam em volta dele. Ou os funcionários do laboratório não colhiam material para exame. Logo no início, quando

ficaram a sós, padre Léo sentiu a importância da autoridade: “O povo todo esperançoso reza por ele. E eu sou a única pessoa a estar aqui. Quero ser a síntese de toda essa coisa boa que se volta para ele”. Inicialmente, ele sentiu-se “pequeno” diante de alguém tão “grande”. As palavras eram ditas depois de muita meditação.

E a responsabilidade que recaía sobre o capelão dificultava ainda mais seu trabalho: “Eu tinha de ser o portador dos corações de todo o País. Um elo de ligação entre o presidente e 130 milhões de brasileiros”. Aos poucos, ele foi sentindo-se à vontade, já não caminhava mais de uma hora pela sacada do Incor para ver Tancredo durante dois minutos. E tentar ajudá-lo.

Meditações e reflexões em torno da figura do homem “síntese da alma nacional”, “das aspirações mais profundas de renovação” deram lugar ao paciente que necessitava de cuidados espirituais. Entre as características do presidente, padre Léo logo notou uma: ele sempre tomava a iniciativa do início de diálogo.

Pegava com carinho nas mãos das pessoas, o que o capelão considera “a linguagem mais profunda do amor”. Certa vez, ele se antecipou: “Como vai padre Léo?” Diante da resposta de que tudo ia bem, Tancredo falou: “Vamos lutando”. O padre percebeu que sua presença ali exigia algo além de simples palavras: “Uma solidariedade no silêncio. Sim, porque o silêncio também fala”. Aos corações das pessoas.

Em outro contato, o religioso disse: “Dr. Tancredo, o povo todo reza pelo sr. O sr. não está sozinho. Deus é o sr. da vida”. Num oportunidade, quando o presidente estava bem, ele contou como surgiu sua vocação. A tudo, o importante interlocutor ouvia com atenção. Olhos abertos. Cheios de energia. E crença.

Foi nas repetidas conversas que se fortaleceu a amizade. Num desses dias, o capelão ressaltou o trabalho e dedicação dos médicos do Incor e completou: “Deus continua curando o senhor pelas mãos dos profissio-

nais. Dr. Tancredo, seu sofrimento está unindo o povo. Seu sofrimento junto com o do Cristo é redentor. Está unindo e gerando vida”. O presidente só teve tempo de balbuciar umas poucas palavras: “Muito obrigado, padre”.

Os primeiros indícios de sofrimento logo ficaram estampados no rosto de Tancredo. Ele emagreceu, os olhos ficaram fundos e a face amarelada antes do início das sessões de hemodiálise. Sua vontade de viver, porém, era muito forte. E isso era sentido com facilidade num simples olhar ou num aperto de mão.

O tempo passou e aumentou a indefinição do quadro do presidente. As pessoas já não vinham à frente do Instituto do Coração para apenas observar. Traziam crucifixos na mão, faziam orações. “Havia uma espécie de agonia no ar. Algo estranho, indefinido”, lembra padre Léo. Dentro, no entanto, o ambiente era de esperança. Os parentes nunca desanimaram. Acreditavam na cura de Tancredo Neves.

O capelão criou o mutirão nacional de oração pela recuperação da saúde do presidente. Mas no dia quatro, Tancredo quase morreu. Em mais uma de suas crises. As pressas, ele terminou uma missa e foi para a cabeceira da cama do presidente. “At eu vi medo e angústia em seus olhos. Ele estava sobressaltado”. Olhou para o padre, olhos bem abertos, juntou as mãos e se fixou no crucifixo.

Nesse dia, Tancredo recebeu a Unção dos Enfermos, a antiga e conhecida extrema-unção. Na sexta-feira Santa, o presidente estava triste, “recolhido”. Sabia que nesse dia deveria estar em São João del Rey, à frente de uma procissão, carregando uma lanterna de prata. Dois dias antes, ele afirmou: “Hoje, é a liturgia das trevas”. E pediu a leitura da Paixão de Jesus e o sermão das Sete Palavras. Aos poucos, a situação piorou ainda mais. A família já não falava muito nem acompanhava as missas. O ambiente e as fisionomias carregadas tornaram-se uma constante. Até o presidente morrer.